Trechos da Chronica do P.e Betendorf

RELATIVOS AO CEARÁ

LIVRO I—CAPITULO 13.º

Relata-se a primeira missão que, em o anno de 1607, fizeram para as terras do Estado do Maranhão o Padre Francisco Pinto e seu companheiro o Padre Luiz Figueira, com a gloriosa morte, que o Padre Francisco Pinto achou nas serras da Ibiapaba.

Antes que se descobrisse e povoasse a ilha do Maranhão pelos Francezes, considerando os primeiros Padres da Companhia de Jesus, Missionarios do Brazil, a grande multidão de gentilidade que havia por toda aquella conquista da Corôa de Portugal, sepultada em as trevas da ignorancia de Deus e das cousas de sua salvação, desde o rio de La Plata, primeiro limite della nesta America, até o rio de Vicente Pison, ultimo limite della, e como a isto viam que iam acudindo pela banda do rio de La Plata, resolveram-se tambem de acudir para a banda do Norte, e consultado com Deus Nosso Senhor este tão importante negocio, determinaram finalmente pôr por obra o seu bom intento. Para este fim elegeram dous Padres Sacerdotes do Collegio de Pernambuco, a saber: o Padre Francisco Pinto, sacerdote antigo e muito zeloso das bandas da Bahia, e já de idade de cincoenta annos, a quem o veneravel Padre José

de Anchieta tinha curado milagrosamente de uma doença mortal, dizendo-lhe se levantasse porque o esperavam ainda muitos trabalhos, que por amor de Deus havia de padecer antes de se assentar na mesa celestial, e o Padre Luiz Figueira, não de menos annos, mas favorecendo-o o céo de muitas graças e dons naturaes, raros talentos e grandes letras.

Convidou o Padre Provincial Fernão Cardim esses zelosissimos Varões, os quaes, ajudados do Governador do Brazil, partiram de Pernambuco no mez de Janeiro de 1607; começaram sua viagem por mar, e a continuaram até Jaguaryba, e de lá proseguiram a pé por terra acompanhados de uns poucos de indios, dos quaes alguns eram da mesma nação que elles iam buscar de sua primeira tenção. Não se viram caminhos mais incommodos e asperos que estes por onde caminhavam, por estarem cheios de agua e lodo e assim se acharam obrigados a passal-os a pé, mas com grandissima molestia sua por caminharem em tempo de inverno.

Os montes eram tão ingremes e cheios de arvoredos e espinhos, que não apparecia minimo signal de caminho, e havia por todas as partes mattas tão fechadas, que não era possivel dar um passo por deante sem primeiro abrir-se caminho á força de braços, de facas e machados.

E no tocante ao sustento necessario para a vida, havia tão grande falta delle, que ás mais das vezes se achavam obrigados a passar com umas poucas de hervas. Tendo lidado desta sorte por espaço de um anno, então com tanta difficuldade, que depois de cem legoas de caminho deram finalmente com as serras de Ibiapaba abaixo do Ceará, quási cem legoas para banda do Maranhão; mas chegados ao gentio que era o que iam buscar, acharam estava cercada de outro gentio bravo e cruel, não só com os forasteiros, mas ainda pelos seus vizinhos mais chegados. Mandaram os Padres repetidas vezes alguns indios daquelles que os acompanhavam, para vêrse por meio de dadivas os podiam abrandar e fazer amigos, mas acharam ser tudo debalde. Passaram logo aos se-

gundos algum tanto mais afastados, dos quaes foram recebidos como dos primeiros, sem se lhes dar sequer uma boa resposta. Juntaram finalmente os do passo terceiro, e destes foram recebidos peor que de todos os mais, porque não se contentaram com engeitar os presentes que lhes mandavam, mas mataram tambem aos portadores delles, escapando sómente um mancebo de dezoito annos para lhes servir de guia a buscar e matar os pobres Padres. Estavam estes tratando com os que os acompanhavam, porque viam poderia chegar a nação que buscavam, quando viram uma multidão de barbaros, que ás frechadas acommettião seus indios, e iam endireitando com a choupana do Padre Francisco Pinto, o qual se tinha retirado para rezar o officio divino. Sahiu a aquelle estrondo o Santo Sacerdote Missionario, e com palavras brandas tratou de aquietar a sua embravecida furia, e até os indios Christãos se lhes oppuzeram gritando em voz alta que aquelle Padre era Homem Santo, vindo não mais que para lhes ensinar a verdade e caminho do Céo; mas elles, mais que nunca embravecidos, respondendo que não esperavam bens nenhuns, mataram primeiro um indio christão, que mais animoso que seus companheiros se lhes tinha opposto para defender ao Padre como seu bom Mestre, e logo depois investindo com furor e crueldade diabolica contra o servo de Deus lhe deram repetidos golpes com suas ybirassangas, que são uns páos duros, largos e compridos, na cabeça, até que lh'a amassaram toda e lhe deram uma morte muito cruel, aos onze de Janeiro de 1608, justamente em o termo ultimo do anno daquella sua gloriosa missão para banda do Ceará e serras de Ibiapaba. Não estava lá o Padre Luiz Figueira, que teria sem duvida tambem sido participante daquella mesma sorte, se, avisado do que se passava, se não tivesse retirado em os mattos ahi chegados, em os quaes defendido da Providencia Divina esteve escondido aos olhos dos barbaros Tabajaras, que por algum espaço de tempo andaram em busca delle para tambem lhe tirarem a vida, até que desesperados de o poderem achar descarregaram o resto de sua maldade em os Ornamentos

que os Padres traziam comsigo para dizerem Missa, e com isto satisfeitos de sua victoria e despojos se foram embora. Com isto teve o Padre Luiz Figueira logar de ajuntar o seu rebanho que andava espalhado com o medo da morte, e de ir ao sitio daquelle ditoso sacrificio, onde estava o corpo estendido no chão, a cabeça toda feita em pedaços e todo enlamado e banhado em seu sangue. Lavaram-no muito bem e depois de lavado lhe deram sepultura ao pé do monte, porque não lhes dava o tempo em que se achavam logar para mais, só levaram comsigo um desses páos ou ybirassangas como os chamam os com que matam, com o qual tinha sido quebrada aquella sagrada cabeça, todo ensanguentado que até ao dia de hoje se guarda com muita veneração, e lembrança eterna no Collegio da Bahia de Todos os Santos. Este foi o fim daquella gloriosa missão deste valorosissimo soldado de Christo para banda do Ceará e serras de Ibiapaba, em as quaes moram os Tabajaras, em cuja busca ia este primeiro Missionario da gentilidade do Estado do Maranhão; e esta foi tambem a feliz morte que tantos annos antes lhe tinha prophetizado o Veneravel Padre José de Anchieta, quando milagrosamente lhe deu saude, dizendo-lhe que outro genero de morte o esperava. Eis finalmente o glorioso principio das missões dos Missionarios da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, pois a missão da serra do Ibiapaba é uma das contidas dentro dos limites da Capitania dita do Maranhão. Deixou a providencia de Deus vivo o Padre Luiz Figueira, companheiro do Padre Francisco Pinto, para ter dahi por deante um martyrio mais prolongado, quando veiu fundar a cidade de S. Luiz, cabeça do Estado, com um Padre que o acompanhava em seus trabalhos. Deste tão bom e glorioso principio se podem facilmente colher os grandes progressos, que hão de ter estes Missionarios, porque diz Christo que se o grão lançado á terra vier a nascer ha de dar abundante fructo. O Padre Pinto nasceu na ilha Terceira, na Cidade de Angra.

LIVRO III—CAPITULO 3.º

Relata-se o principio da Missão da serra, dado em tempo do Padre Antonio Vieira subprior, e de André Vidal de Negreiros Governador do Estado.

Estão entre a fortaleza do Ceará e a cidade do Maranhão umas serranias mui altas e compridas, chamadas commummente as serras da Ibiapaba, em as quaes estão muitas nações de lingua travada ; e entre ellas uma de lingua geral por nome os Tabajaras, indios de Ibiapaba, que, em tempo do Governador André Vidal, tinham sua aldêa no mais alto cume dellas, já desde a era do anno 1614, em que o Padre Francisco Pinto com o Padre Luiz Figueira foram em sua busca e a custa da sua vida que lá deixou. . . . . ybirassangas com que em momentos l'ha tiraram, sem conhecerem que elle lhes vinha dar a vida a suas almas, e tiral-os da morte do peccado e inferno, por meio da graça do Santo Evangelho que lhes ia pregar. Estes Tabajaras, tendo por noticias que os Padres da Companhia de Jesus tinham vindo para o Estado do Maranhão, com maior numero movidos do desejo de sua salvação, que só pela fé de Christo se alcança como mui provavelmente lhes tinham ensinado os Indios Christãos fugidos de Pernambuco por occasião da guerra com os Hollandezes, vieram ao Maranhão pedir Missionario com grande instancia ; pareceu ao Governador e Sub-prior da Missão, o Padre Antonio Vieira, que se havia deferir a sua petição pelo grande serviço de Deus que se esperava na salvação de muitos milhares de almas dos barbaros que ao redor della habitavam, e juntamente pelas muitas hostilidades que com isso se evitariam, por quanto com a presença dos Missionarios todas as nações circumvizinhas se poriam em paz, ficando por este meio tambem livre e seguro o caminho do Maranhão para Pernambuco. Concederam-se-lhe pois nesta occasião dois Missionarios, o Padre Antonio Ribeiro e o Padre Pedro Poderoso, os quaes

foram em sua companhia por esse tão comprido e trabalhoso caminho soffrendo o que só Deus Nosso Senhor sabe, por cujo amor a emprehenderam com grande gosto seu e exemplo dos mais Missionarios. Chegados que foram depois de uma larga e penosa viagem, trataram logo de fabricar egreja e casa de residencia que por ordem do Padre Subprior da missão dedicaram ao glorioso Apostolo das Indias S. Francisco Xavier, acudindo ao serviço de Deus de dentro e de fóra com grande zelo, porque instruidos os Tabajaras se baptizaram todos com suas mulheres e filhos e se formou naquelles mattos uma grande e bella christandade, a qual se ia dilatando pelas nações ao redor, se o inimigo de nossa salvação não o impedira com os estorvos que se verão depois; faziam-se em a aldêa da residencia os officios divinos a canto de orgam com os indios musicos, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam. Contou-me o Padre Pedro Poderoso Missionario que tinha sido daquella missão, desde os seus principios até ao fim della, que até fazia pouco fructo nos adultos que tinham estado com os Hollandezes, e que uma só cousa lhe dava mais consolação era ter baptisado setecentas creanças que Deus Nosso Senhor levou para si em tempo de sua. . . . . e não é crivel quanto lá padeciam por falta de sustento, o qual commummente eram feijões que só se davam bem em aquellas terras, e apertava tanto com elles a fome que mandavam aos rapazes da caça frechassem umas largatixas verdezinhas algum tanto maiores que as ordinarias para as comerem assadas, isto por serem a caça e o peixe nenhuns, por ser muita a distancia do mar áquelle sitio; estiveram estes dous Missionarios algum tempo juntos, até ficar depois o Padre Pedro Poderoso, emquanto lhe não levou o Padre Subprior Antonio Vieira, o Padre Manoel da Silva por companheiro, indo visitar, em pessoa, aquella gloriosa missão em tempo do governo de Dom Pedro de Mello, como largamente se dirá depois em seu logar.

LIVRO III—CAPITULO 11.º

Visita o Padre Subprior Antonio Vieira a Missão de S. Francisco Xavier sita na Serra ou Montes de Ybiapaba.

A mais difficultosa missão de todas quantas ha em o Estado, parece ser aquella de S. Francisco Xavier, não porque seja a mais distante, porque são as do rio das Amazonas muito mais distantes sem comparação que ella; mas porque a ella se vai por terra e montes altissimos, a pé, com summa molestia, por se haver de levar os provimentos e mais necessario para ella ás costas, quando em as mais missões se navega em canôa, onde se leva sem difficuldade alguma todo o fato e mantimento que se requer.

Tinha o Padre Subprior da missão já mandado para aquella tão gloriosa missão dous Missionarios, em tempo do Governador André Vidal, como dito fica, e como, conforme um capitulo da visita, feito por elle, approvado pelo Nosso Muito Reverendo Padre Geral e mais publicado em todas as casas, se devem visitar ás residencias das missões, quiz elle, para não faltar á sua obrigação, visitar pessoalmente a missão da serra. Para este effeito juntou indios bastantes das aldêas para levarem os fatos e mantimentos necessarios, quando tivessem passado os lançóes, pelos quaes se mandou levar com tudo o seu acompanhamento em um barco alugado para esse effeito; partiu do Maranhão, levando por companheiro o Padre Gonçalo de Veras, que queria deixar na serra em logar do Padre Antonio Ribeiro, que lá estava com o Padre Pedro Poderoso. São os lançóes perigosissimos, em razão da muita correnteza das aguas, que com grande impeto correm ao longo de uns areaes branquissimos umas dezoito legoas de distancia e por isso se chamam lançóes.

Passaram-se com felicissima viagem, e chegados que foram ao rio das Preguiças, saltaram em terra para fazer o restante do caminho a pé por aquellas praias de area que atollam tanto que até os mais robustos cami-

nhantes não as vencem senão com muitas difficuldades. Carregaram os indios os fatos ás costas, e o Padre Subprior lembrado de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias, cuja residencia ia visitar, se descalçou e começou a caminhar a pé nú, á imitação de seus exemplos por aquellas praias, como o Santo Apostolo tinha caminhado pelas praias de pescaria da India Oriental; pasmaram todos vendo um homem de sua idade andar dias e semanas por aquellas areas com a molestia e cansaço que se pode considerar; cansavam todos e só elle ia caminhando como incansavel; tinha ficado atraz com um indio por nome Christovão, o qual por sua muita violencia que mostrou em as guerras contra os Hollandezes assentou praça nas companhias d'El-Rei, e supposto que entrava de guarda em camisa e sem ceroulas, nem gibão com seu mosquete ás costas, era estimado não só dos Padres, mas de todos os soldados portuguezes como se fôra um delles; este tal como caminhavam em aquellas praias, pelas quaes saem o ambar, teve tanta fortuna que achou um pedaço, que pesava pouco mais ou menos uma arroba; não o tinham visto os que andavam deante por estar coberto das areas, que a muita ventania que commummente ha por ahi, tinha ajuntado em aquelle logar. Foi tanto o desinteresse do Padre Subprior da missão que podendo-o ter tudo por qualquer cousa que désse ao indio, não quiz nem sequer aceitar uma onça delle, deixando-o todo ao indio para o vender ao Governador Dom Pedro de Mello quando voltassem ao Maranhão. Chegados que foram ao pé da serra, cançadissimos de um tão molesto e comprido caminho, descançaram um pouco e logo depois começaram a subir pelas serras arriba, com o mais incrivel esforço, mas como o desejo da salvação das almas dava azas ao Padre Subprior e seu companheiro, não sentiam a molestia do caminho, ainda que de si trabalhozissimo, até para os indios que os acompanhavam, e eram costumados a andar a pé por qualquer parte que seja.

Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Subprior Antonio Vieira, o

foram a receber ao caminho com os Principaes com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas; feita a oração, recolheu-se o Padre Subprior para sua casa dos Padres, onde vieram dar-lhe as bôas vindas, trazendo-lhe suas frúctas, e mais putabas, conforme seu costume; premiou-os a todos, e acabado este primeiro agazalho, tratou de sua visita, depois de algum descanço de uma tão trabalhosa viagem. Entre as coùsas que lá ordenou, tocantes todas ao serviço de Deus e conversão da gentilidade que havia nos arredores, mandou que os Padres Missionarios por nenhum modo tratassem de mandar em busca do ambar, nem ainda comprassem o achado quando se lhes tornasse a vender; praticou largamente por alguns dias que lá se deteve sobre o modo que se haviam de governar e haver os indios com seus Missionarios para sua conservação e salvação de suas almas; estava em aquelle tempo o Principal da aldea, o famoso Simão, indio tão ladino, e muito politico, conforme referia o Padre Pedro Poderoso, que em esta parte não lhe levavam vantagem os mesmos brancos; a este o chamou com os seus o Padre Subprior Antonio Vieira, e depois de lhe ter declarado largamente a vontade de Sua Magestade, e encommendado a lealdade que deviam a Portugal como vassalos seus, deu-lhe uma moeda de ouro massiço que trazia as armas portuguezas por uma banda, e o retrato d'El-Rei por outra, para trazel-o em modo de habito de Christo. Dispostas pois todas as cousas conforme pediam as circumstancias, deixando grandes saudades entre os indios, poz-se em caminho para o Maranhão; trazendo comsigo o Padre Antonio Ribeiro; e deixando o Padre Gonçalo de Veras em seu logar, veio pára o Maranhão pelo mesmo caminho que tinha ido, supposto que com menos molestia, por vir descendo muito abaixo, e depois de ter tomado algum descanço, chegado que foi ao Maranhão, relatou sua viagem ao Governador Dom Pedro de Mello, e o indio Christovão lhe fez offerta de todo o ambar que tinha achado, pagando-lhe elle cousa limitada

em comparação do que valia. O Principal Simão a quem o Padre Subprior tinha dado a medalha, não tardou de fazer das suas, em dar muitas molestias em seu amancebamento aos Padres Missionarios, e chegou a tanto que o Padre Poderoso se foi sózinho, com uns dous ou tres indios, para Pernambuco, caminhando sempre a pé com incrivel cançaço e trabalho, como elle raras vezes contava, e alcançou do Governador poder de prender o dito Principal, e remettel-o preso em grilhões para a cidade de Castella (digo de Pernambuco), para assim apartal-o da manceba, e tirar da aldêa o grande escandalo que dava a todos com esta sua má vida; mas nada se poude... pelas razões que houve, como se verá pela continuação desta historia. Trouxe o Padre Pedro Poderoso tambem de Pernambuco ornamentos para a sua egreja, cavallos com suas sellas para o uso da residencia que o Governador lhe dera em nome de Sua Magestade. O Principal, cada vez mais desaforado, vendeu a veronica de ouro que o Padre Subprior lhe tinha dado, a um mameluco, o qual a trouxe depois ao Maranhão, e deu ao Governador Ruy Vaz de Siqueira por umas poucas de varas de panno, que não chegavam a metade do que ella valia; não me alargo mais sobre as cousas da serra, porque logo tornarei a tratar dellas por capitulo inteiro.

LIVRO IV—CAPITULO 9.º

Manda o Governador Ruy Vaz de Siqueira uma tropa para a Serra de Ibiapaba com que veio a levantar o gentio della e acabar-se aquella missão, vindo os missionarios com umas quatrocentas ou mais almas para o Maranhão.

Ficava ainda livre de todas estas sobreditas molestias e perturbações a missão de S. Francisco Xavier, em as serras de Ibiapaba, vivendo alli com muita paz os dois Missionarios, o Padre Pedro Poderoso e o Padre

Gonçalo de Veras, mas como o inimigo infernal tinha minado a maior parte da missão, que tanta guerra lhe fazia na conversão da gentilidade, tratou de ruinal-a toda até não ficar nem um só Missionario della. O meio de que se serviu foi o seguinte: mandou o governador Ruy Vaz de Siqueira, tanto que chegou a tomar posse de seu governo, vinte e cinco soldados e os mais delles mulatos e mamelucos, com muitos indios das aldêas do Maranhão a resgatar ambar por aquellas nações, com capa de ver se os Missionarios necessitavam de algum soccorro e isso tudo por conveniencia de seus interesses. Foram-se estes... a aldêa em que os Padres tinham sua residencia e donde saiam a visitar as outras povoações de gentio, guardando em esta aldêa tres mil cruzados que levaram do resgate do governador. Ao principio foram todos bem agasalhados como hospedes dos Missionarios e mais indios christãos, porém passados uns tres mezes, vendo os indios que não tratavam de se retirar e eram homens de pouca consciencia e ruim exemplo, começaram a afastar-se delles, e ultimamente lhes mandou o principal D. Simão indio entendido, e a quem o Padre Superior da missão Antonio Vieira tinha dado uma grande medalha de ouro de uma banda com o habito de Christo e com a imagem d'El-Rei da outra, a requerer que despejassem a aldêa, pois já não podiam soffrer as molestias que lhes davam, porque de outra maneira haviam valer-se de suas armas para desforçarem-se.

Desta embaixada zombou o cabo Manoel Carvalho e mais gente da tropa, mandando armar uma forca em o meio do terreiro, ameaçando de os enforcar ahi, se se não aquietassem e assim ficaram, continuando como dantes, com o escandalo que davam. Como se achavam alli alguns desses indios da terra, que havia vinte e quatro annos que manejavam as armas em as guerras de Pernambuco, arrimou-se totalmente o principal Dom Simão em muitos delles, mettendo-se pelas aldêas circumvizinhas, dos tapuyas, gente selvagem e barbara, e com suas praticas os moveu a ajudar com suas armas em o conflicto e assalto que queria dar aos soldados e indios da

capitania do Maranhão, para os fazer despejar, por força, já que não queriam retirar-se por vontade.

Movidos os tapuyas com as praticas de Dom Simão, vieram com elle á aldêa, prepararam suas emboscadas, de noite, matando logo uns indios da companhia dos soldados, que acharam fóra da aldêa, descuidados de uma tão inopinada traição; e de repente, ao sair da aurora, acommetteram a aldêa com gritaria, atirando com muita frexaria aos soldados e indios delles que em a aldeia tinham ficado, e para mais os intimidarem, puzeram fogo em muitas casas, mettendo tudo em confusão com os indios e estrondos de armas.

Puzeram-se os da tropa em defesa ajudados de seus indios, ferindo e matando tambem alguns de seus aggressores, os quaes por então se retiraram, para o dia seguinte os acommetterem com mais força, pois viam que as casas serviam de trincheira aos brancos para empregarem seus tiros com mais segurança e lhes matarem sua gente.

Os Padres Missionarios durante aquella peleja se meteram em sua igreja, por que como Dom Simão era amancebado, sem emenda, com grande escandalo e ruina dos mais, e o Padre Pedro Poderoso tinha ido a Pernambuco para trazer ordem, como trouxe, de o prender em grilhões e manda-lo para lá, e assim livrar a aldêa de um tão máo exemplo, e de um tão grande impedimento da propagação da nossa Santa Fé, não se tinham por seguros delle, porquanto lhes estava querendo mal por esta razão.

O segundo dia da peleja usaram os inimigos de outro estratagema de guerra, que era em total ruina dos nossos se não se retirassem, porque elles impossibilitavam totalmente aos soldados e indios, que estavam fortificados, esperando a batalha; o ardil foi este:

Emquanto uns estavam pelejando, outros com cincoenta machados estavam a toda a pressa derrubando arvores grossas com que impediam o caminho por onde a gente que ficava em a aldeia ia buscar agua, para que, impedindo assim o caminho, com mais segurança, se pu-

zessem emboscados detraz das arvores derrubadas, para matarem e frexarem os que iam ao rio.

Em estes apertos se retiraram os soldados da tropa, juntamente os Padres Missionarios, aos quaes não pareceu bem ficarem por então, pelas alterações que tinham havido com Dom Simão, sobre o seu amancebamento e máo exemplo. E porque havia muitos indios de bem, tementes a Deus, trouxeram comsigo trezentas almas com grande trabalho, comboiando aquelle rebanho pequeno, que não perecesse ás mãos de seus contrarios.

Vendo os indios da terra que o campo lhes ficava livre, porém, que perdiam a presença e assistencia dos Padres, que alguns annos tinham vivido em sua companhia, usaram de dois meios para que ao menos um delles ficasse comsigo em aquelles mattos agrestes.

O primeiro foi mandar uma esquadra de indios barbaros, que, saindo de uma emboscada, pegassem em um delles, e o trouxesse com os ornamentos que levava; porém como esta invenção de guerra lhes não succedesse por se retirarem os da tropa os Padres com seus indios, pelo sertão, com grande cautela em razão do medo que os acompanhava, mandaram embaixadores ao caminho a requerer aos Missionarios voltassem outra vez para a aldêa, para estarem em sua companhia, desculpando-se das hostilidades passadas, cuja causa tinham sido os soldados e mais indios da tropa do Maranhão.

Pareceu ao Padre Poderoso, que então era Superior daquella missão da terra e ao Padre Gonçalo de Veras, seu companheiro, mais acertado seguir sua viagem ou jornada para o Maranhão, persuadindo-se que voltariam logo a restaurar com mais segurança o fructo dos damnos passados.

Não é crivel quanto padeceram por aquellas praias, pela falta de tudo o necessario para o sustento da vida de mais de trezentas almas que levaram comsigo, e os perigos em que se acharam em as passagens dos rios caudalosos, que sem canoas nem remos passavam em umas jangadas limitadas, molhando e perdendo se lhe quasi tudo quanto traziam, entre outras cousas, uma bellissi-

ma pedra verde, pedaço de uma bem grande, que se tinha dado ao Padre Poderoso, da terra, achada por alli, algures. Chegaram finalmente ao Maranhão, onde foram recebidos com grande gosto, maiormente trazendo em sua companhia trezentas almas de indios, os quaes logo se aldearam da banda de S. José, chamando-se a sua povoação a aldêa dos Tabajaras, do principal Carauaty, encommendada com as mais desde então ao Padre Gonçalo de Veras que todos amavam e queriam como seu pai.

LIVRO VII—CAPITULO 3.º

Expulsam e embarcam os Padres do Maranhão.

Uns poucos de dias antes da expulsão dos padres, lançou-se um bando por ordem dos tres governadores, em que se mandava que todos moradores se achassem presentes em dia de Ramos, para se lançarem fóra os padres missionarios da Companhia de Jesus, e que os indios viessem assistir com seus arcos e fréchas, até os rapazes, conforme se dizia, com pedras em as mãos, para o mesmo fim.

Chegou depois o fatal dia da expulsão, que caiu em dia de Palmas, aos 26 de março de 1684; disseram todos os padres sacerdotes missa, benzeram-se os ramos, e repartindo-se, como é costume, por todos, fui eu de parecer que se embarcassem com elles ás mãos, em signal de victoria que haviam de reportar dos seus adversarios, e assim o fizeram todos; acabadas as missas, logo que chegou recados da Camera e governantes (como dizia o piloto inglez), despediram-se de Nossa Senhora da Luz, a qual se cobriu de um véo roxo, como em signal de sentimento da partida de seus queridos filhos. Saimos como em procissão apóz do Padre visitador Barnabé Soares, do Padre Iodoco Peres, Superior da missão, do vice reitor Estevão Gandolfin, vinte e seis sujeitos em numero, com as nossas victoriosas palmas em as mãos

até o portão do Collegio, tocando entretanto o sino grande da Sé, como quem toca a fogo ou motim.

Estava toda a Camera com seus Juizes e tres governadores em o outeiro da banda da Sé, e alguns do povo com os indios em o outro outeiro, para banda de Santo Antonio; só Manoel Beckeman com Francisco Deiró, estavam com poucos outros em a praia, para fazerem embarcar os padres em dous barcos apparelhados para esse fim.

Tinha o Padre visitador Barnabé Soares nomeado os que haviam de ir em cada um delles, e assim por essa ordem nos fomos embarcar.

Embarcou-se elle em o barco grande vindo de Pernambuco, e embarcaram-se em sua companhia o Padre Pero Poderoso, o Padre Diogo da Costa, o Padre Antão Gonçalves, e eu, Padre João Felippe Betendorf, dos irmãos coadjuctores, e mais o irmão Marcos Vieira, o irmão Domingos da Costa, o irmão Domingos Coelho, o irmão Antonio Ribeiro; dos irmãos estudantes, o irmão Francisco Soares, o irmão Poderoso e o irmão Marcelino.

Em o barco pequeno, do inglez Henrique Bren, embarcaram-se o Padre superior de missão, por lhe parecer mais veleiro, o Padre Estevam Gandolfin, vice-reitor do Collegio do Maranhão, o Padre Gonçalo de Véras, o Padre Manoel Nunes, o Padre Aluizio Conrado Pheil, e dos irmãos estudantes, o irmão Manoel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Manoel Antunes, o irmão Antonio Gomes, e veio mais um, Francisco da Motta.

Antes de nos embarcarmos, veio Manoel Beckeman dar-me um abraço por despedida, dizendo me com as lagrimas em os olhos que se eu quisesse ficar em sua casa o estimariam muito elle e Dona Maria de Almeida e Caceres, sua mulher; porém eu agradecendo-lhe a boa vontade, me fui com os demais, com que ficou tambem desenganado o povo, o qual cuidava ficaria eu feito frade de Santo Antonio, não sei por que.

Offereceram tambem um logar ao irmão João Fernandes em Santo Antonio, ou outro convento, se qui-

zesse ficar, mas elle respondeu-lhes que não queria apartar-se de seus irmãos, e que para onde fossem elles, queria ir tambem.

Logo que estivemos embarcados todos, constituidos os procuradores: do Collegio, José de Seixas, irmão do Padre Diogo da Costa e Gabriel de Moraes, procurador da roça, Gabriel Pereira da Silveira, que tinham feito sargento-mór, contra sua vontade, e procurador do curral de gado vaccum, João de Souza Castro, um dos tres governadores constituidos pelo povo, tudo assim bem disposto, a seu tempo, levantaram-se as ancoras e demos á vela, á vista de todo o povo amotinado, alegrando-se os máos e chorando os bons, os quaes, como tementes de Deus, abominavam aquelle motim e alaridos, por puro medo da morte, que ameaçava aos que quizessem dar mostras de contrario parecer.

Passamos felizmente as perigosas correntezas do Boqueirão, debaixo do patrocinio de Nossa Senhora da Guia, que alli se venéra em sua capellinha, e chegámos até o meio do rio dos Mosquitos, pouco mais ou menos, onde por falta de enchente, nos achámos obrigados a parar toda aquella noute, sem poder fechar olho, pela multidão desses molestissimos animaezinhos, que harto nos deram que padecer com suas picaduras, taes que parece faziam sentir-se os homens pacientes como um S. Job em tão funesta paragem. Partimos logo com a enchente que nos levou até o meio da bahia de S. Gonçalo, entre a aldêa de Tatapuquarity e o rio Tapecoru, onde tomámos algum alento, e logo, com a vasante, nos fomos á bahia de S. José, indo-nos sempre acompanhando, de longe, o capitão Lisboa, em uma canoa bem equipada, para reboque dos barcos se acaso necessitassemos, em alguma paragem da cidade até o Pereá. Da bahia de S. José navegámos até uma maré do Pereá, onde ficámos em secco detraz de uma ilha pequena, da qual nos levou outra até os pastos do Pereá. Lá, por serem festas da Paschoa, nos detivemos até a segunda oitava, estando sempre á vista das guardas já sobreditas, e vieram-se desobrigar comnosco alguns indios da canoa do capitão

Lisboa, e como todos os padres de ambos os barcos sahiram, uns a dizer missa e outros a ouvil-a, e a confessar, lá nos despedimos uns dos outros, por não sabermos quaes poderiam ser os successos da nossa viagem. Fez o Padre superior Iodoco Peres grandes instancias, persuadindo-me que me mudasse para o seu barco, por ser mais veleiro, mas respondi-lhe eu que estimava por melhor aquella embarcação que me tinha assignado a obediencia, com que fiquei onde estava, e se me livrou de muitas molestias, como no decurso desta se verá.

Estava em companhia do Padre superior da missão, com licença sua, um secular... da Costa, o qual se fazia sobrinho... grande parleiro; deste se despediu o capitão Lisboa, dizendo-lhe tivesse boa viagem e que aos padres levasse a fortuna.

Com isso, fomo-nos afastando do porto, e fazendo-nos para o mar, indo cada qual dos barcos por seu rumo e derrota, porém de sorte que, passado o primeiro dia, nos perdemos de vista, de tal sorte que por ficar o barco pequeno muito atraz, nunca mais nos avistaram por toda a viagem. Ajudou muito ao barco grande fazer-se muito para o mar por meu conselho e para assim fazer angulos grandes, como que buscando depois a terra, e adeantando-nos grandemente pelas grandes sangraduras que tinhamos feito pela madrugada.

O Padre visitador Barnabé Soares estava sempre recolhido em seu beliche de baixo, sem nunca sahir senão em Parámiry.

Observaram-se todas as horas de oração, e exames ladainhas, as quaes á tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam tambem ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quiz sua bondade que sempre tivessemos marés de rosas e que á boca da noite achassemos logar commodo onde lançar ancora á vista de terra, com tanta abundancia de gostosissimo peixe, que como em quantidade era pescado ao anzol, sobejava para as ceias daquelle e os almoços e jantares do outro dia.

Chegados que fomos ao rio Timonha, vieram os indios a nado visitar-nos com uns poucos de cascos de tartaruga, que traziam em sua canoinha, em que iam até as mulheres. Foram recebidos, porém, com as armas escondidas em logar occulto para mais cautela; furtaram-nos áquella occasião uma campainha nova do Reino, sem o sabermos senão quando, sahidos os Teremembézes em seus areaes, a foram tocando os rapazes, emquanto iam correndo pelo outeiro a riba; porém não houve outra perda que esta por toda a viagem.

Chegados que fomos ao rio Parámiry, entrámos pela enseada dentro, por não podermos vencer aquelle dia uma ponta que se nos offerecia. Aqui nos resolvemos, com o Padre visitador Barnabé Soares, a saltar em terra e acabar a pé o restante da viagem até o Ceará pelas praias, visto não distar senão um pouco, conforme as informações do Padre Pero Poderoso, pratico daquellas paragens, por ter andado por ellas. Ficou o irmão Marcos Vieira em o barco com o irmão João Fernandes; todos os mais saltaram em terra, detendo-se lá o barco por aquelle dia. Achámos aquelle logar ser um paraisosinho com bellas terras, aguas e ares preciosos; jantámos lá mesmo um bocado e logo nos puzemos em caminho pela praia, andando a pé um bom estirão até que bem cansados, parámos á boca da noite, junto a uns muros de arêa, e acostados a elles, por não levarmos redes comnosco, tomámos algum descanso. Nossa ceia foi um bocadinho de peixe para cada um e uma gotta de agua de uma cacimba, aonde a foi buscar o mulato Duarte, escravo da Bahia, que vinha para servir o Padre visitador.

Ditas as ladainhas, e feito o exame, que nunca se deixava, descansámos um pouco até as horas do cantar do gallo; então nos puzemos a continuar nossa viagem pela fresca, fazendo juntamente nossa hora de oração, a qual faziamos sempre todos como os que estão em Collegios; não parámos de andar até meio dia, sem embargo de nos dar uma chuvinha; só parámos então, porque se nos pôz de permeio um riacho tão grande e fundo que os velhos se achavam obrigados a passal-o aos hombros

dos moços, aos quaes davam as aguas em riba dos joelhos; estavamos fadigados sem ter que levar á boca, nem ainda uma gotta de agua doce para estancar a sêde, porque as das cacimbas eram tão salobras que se não podiam tragar. Não é crivel quanto padecêmos pelo caminho, ficando mortos de fome, e, passando um rio que se nos offereceu, como por milagre de Deus, chegámos ao Ceará.

O Padre Pero Poderoso, por cuja culpa se não tinha trazido de comer, por ter dito não era comprida a viagem, vendo que se enganara, se adiantou por sua muita caridade com o Padre Antão Gonçalves e o irmão Manoel da Silva, e foram com toda a pressa ao Ceará, em busca de algum refresco e cavalgaduras, pertencentes ao Maranhão, que estavam em mão de Felippe Coelho, nosso procurador, a quem tinham sido entregues as cousas da residencia de S. Francisco Xavier, da serra de Ibiapaba. Entretanto, fomos os mais arrastando as pernas como pudemos por aquellas praias, pelas quaes costuma sahir e achar-se ambar, sem haver um só que tratasse de ver se por ahi apparecia algum, ou estava encoberto das arêas, que tanta era a fraqueza com que se achavam. Havia lá uns buzios mui bellos e grandes, mas como estavam vasios não os podiam ajudar, nem elles os podiam carregar, por serem mui pesados, pela fome que padeciamos. Passada uma grandissima enseada, chegados finalmente meio desmaiados a um monte a cujo pé descobriram agua doce, com a qual estancaram a sêde que os matava, quiz Deus sahisse o Padre Diogo da Costa com um pedaço da lingua de vaca salgada, que, repartindo entre todos por bocadinhos, nos tornou a dar algum alento, com que demos uma volta ao monte por detraz, por varios estibaixos de arêas difficultosissimas de subir, por estar a dobra por de fóra impedida toda de pedras que lhes embargavam a passagem. Vencidas assim todas as difficuldades do monte e outeiro, descemos finalmente por outra banda para as praias, e como nos apanhou a noite nos acostámos por detraz de um muro de arêas, meios mortos de fome e cansaço, mas não por isso desmaiados. Passá-

mos lá aquella noite até pelas horas do cantar do gallo, quando desfechando-se umas grossas nuvens em chuva, nos molhou todos por estarmos sem nenhum abrigo contra ella. Estando pois traspassados de chuva, puzemo-nos a caminho pela praia, para ver se porventura descobriamos alguma lenha para fazer fogo; mas por quanta diligencia que fizesse o mulato Duarte, não achámos senão umas hervas bravas e estas molhadas, entre as quaes se deitou o Padre visitador Barnabé Soares com os que o acompanhavam, e eu, que seguia atraz tão cansado, que com meu companheiro, o estudante, ambos, não podiamos com elle e, assim obrigados a parar, estendi o roupão em a praia e mandei ao noviço se deitasse ahi para dormir e fiquei com uma tão vehemente dôr em ambos os joelhos, que nem olhos pude fechar, mas posto de cocaras ia com o sôpro da boca aquentando-os, para assim moderar a grandeza da dôr que me traspassava.

Pela madrugada, continuando o caminho pela mesma praia, como Deus Nosso Senhor nos ajudava, chegámos a outro monte, ao pé do qual corria um rio que chamam *Ciopé*, e é de aguas mui boas; ahi apanhámos dois serizes, certa casta de caranguejos, os quaes assados nos serviram de jantar, com um pouco de farinha, e apertava tanto a fome com os pobres dos noviços que nos acompanhavam, que foram pelo monte acima, e dando com umas pitombas grossas, de cheiro de almiscar, mas mui azedas, se foram enchendo dellas, trazendo-nos quantidade não muita, que assámos ao fogo primeiro, e depois comêmos para nos não fazerem mal, nem amargarem tanto. Assim confortados com essa pouquidade, tornámos a pôr-nos em caminho; tinhamos caminhado até pelas horas de jantar, quando vimos descer por um muro de arêas uns indios com umas cavalgaduras mandadas já do Ceará, com umas poucas de tainhas salgadas para refresco; chegaram a tempo, porque já não podiamos quasi dar passo adiante. Portanto, dando graças a Deus Nosso Senhor, montámos a cavallo, e acompanhados de 16 indios que vinham, fomos pelas campinas dos curraes, as quaes povoadas de palmeiras nos pareciam um paraizo

terreal; agazalhamo-nos aquella noite em um curralinho pobre, comêmos um bocado de tainha, e bebêmos um pucaro de agua, e com isso descansámos até á madrugada do dia seguinte, em o qual fomos dizer missa á aldêa do Forte, onde tinham assistido os nossos padres, o Padre Jacob Coelho e o Padre Pero Francisco, muitos annos, até que o Padre Provincial os mandou retirar, succedendo-lhes uns clerigos da Congregação de S. Felippe Nery, chamados Amaristas. Agazalhou-nos o padre missionario com muita caridade, e dando-nos de almoçar, acabadas as missas, muito bons peixes salpresos e queijo flamengo, que um capitão de uma náo hollandeza lhe tinha dado, passando pelo Ceará, em razão de seus contratos.

Desta aldêa, dadas as graças ao nosso bemfeitor, montámos outra vez a cavallo, e passando pelas mangabeiras e o sitio das pedras crystaes, chegámos finalmente á desejada fortaleza do Ceará, onde era capitão-mór por aquelle tempo Bento Soares, e vigario um doutor, Soares chamado, clerigo que tinha sido lettrado de D. Gregorio dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão, e estava um procurador dos padres da Serra, Felippe Coelho.

Fomos recebidos com muita honra e agasalhados nas melhores casas que ahi se achavam, soccorrendo-nos o capitão-mór cada dia com peixe fresco, e um amigo do Padre visitador, senhor de um curral de gado vaccum, com sua carne de vacca; estivemos ahi uns dias, esperando por nosso barco, o qual chegou a salvamento com os irmãos que trazia.

Chegado elle, esperámos mais uns dias, para ver se tambem chegava o barco pequeno com o Padre Superior Iodoco Peres, e mais padres que o acompanhavam. Detivemo-nos uma semana, pouco mais ou menos, e para não estarmos ociosos, tratámos de tirar inimizades e alguns amancebamentos dos soldados que por ahi havia; e como quer que o Ceará carece de bom porto, enfadou-se logo delle o mestre do barco, e para se não perder em as ondas, resolveu-se a levantar ancora, e voltar-se para o Maranhão, onde estava o dono delle, e como

tardava de chegar o barco pequeno com os mais padres, e não podiamos já fazer lá mais detença, concertou-se o Padre visitador com o mestre em novos fretes, para nos levar a Pernambuco, imaginando-se que o não obrigariam a pagal-os, por lhe parecerem injustamente pedidos; mas como o povo do Maranhão se tinha concertado com elle para que levasse os padres ou ao Ceará ou a Pernambuco, teve o Padre visitador sentença contra si, obrigado a pagar ao mestre, conforme se tinha concertado com elle.

LIVRO VII—CAPITULO 4.º

Parte o Padre visitador em o barco grande, e chega poucos dias depois o barco pequeno com o superior da missão e mais sujeitos que o acompanhavam ao Ceará.

Já o Padre visitador, Barnabé Soares, estava embarcado com os seus em o barco grande, que estava quasi para levantar ancora, quando, em o mesmo tempo, chegou á praia o irmão Antonio Ribeiro, dando vozes para que parasse um tempo minimo, para elle fallar ao Padre visitador; parou o barco e o que disse era que o Padre superior o mandara adiante, para dar parte como vinha já chegando, e dentro de poucos dias, com o favor do Céo, estaria no Ceará, e assim quizessem esperar para que se ajuntassem todos.

O Padre visitador, como tinha deixado encommendados os padres, que estavam para vir em o barco pequeno, ao capitão-mór do Ceará e ao seu procurador, e o mestre do barco querendo partir, para se não perder em porto pouco seguro, e mais para avisar o governador de Pernambnco, da parte do capitão-mór, que faltavam farinhas aos soldados, em tempo que os Tapuyas do matto, levantados contra os brancos, estavam cada dia ameaçando a fortaleza, e finalmente desejando o Padre visitador chegar depressa a Pernambuco, para alcan-

çar barco capaz e accommodado para os padres que vinham, e não cabiam commodamente em um só em que elle ia, resolveu-se a partir sem embargo do recado do irmão Antonio Ribeiro, dizendo-lhe que dissesse ao Padre superior, e aos mais padres, que elle bem desejava de esperal-os, mas que vistas as razões que lhe mandava, convinha que partisse logo, para lhes enviar depressa barco capaz de os levar, e que entretanto descansassem esse pouco de tempo em Ceará, debaixo do amparo do capitão-mór e procurador, aos quaes estavam encommendados.

Houve opiniões contra esta resolução, dizendo alguns era crueldade não esperar; mas tudo bem considerado parece era o que se havia de fazer, vistas as circumstancias de esperarem mais e irem todos em um barco só. Com isso ficou o irmão Antonio Ribeiro com o procurador Felippe Coelho, esperando pelos padres do barco pequeno, que chegou em um dia ou dous depois mui maltratado, assim por lhe ter quebrado o mastro, como por fazer agua como um cesto rôto.

Tendo o Padre visitador Barnabé Soares declarado sua determinação ao irmão Antonio Ribeiro, que ficou com ella, se não de todo, ao menos de algum tanto satisfeito, mandou ao mestre, morto já para partir, levantar ancora e dar á vela. Cousa notavel: continuoû Deus Nosso Senhor a favorecer esse barco, de sorte que venceu logo uma ponta mui difficultosa a dobrar, e que tendo dado em os perigosissimos baixos de S. Roque, onde o Padre Pero Poderoso se tinha visto perdido, e escapou como por milagre de Deus, sahindo delles com toda a felicidade, fomos navegando com mar bonança e marés de rosas, por todo o restante do caminho. Chegados que fomos a uns curraes conhecidos, o Padre visitador determinoû de saltar em terra com o mulato Duarte e mais companheiros, e poz-se de caminho e andou por terra pelas residencias que havia dahi a pouca distancia; deixou-me a mim por vice-superior dos padres e irmãos que ficaram. Os que ficámos fomos durante a viagem por mar regalados das muitas cavallas, peixe precioso que cada

dia se matam; e foi ella tão feliz que, pela ante-vespera do Espirito Santo nos achámos noite já fechada, mas não muito obscura, em a entrada do Recife; houve duvida se entrariamos logo para dentro, ou se nos deixariamos estar por de fóra, até o dia seguinte, mas como havia um caminheiro, *Ceciliano*, homem esperto, que se offereceu remetter o barco logo para dentro, fomos entrando sem dilação, com elle posto ao leme, e o pratico posto á prôa, para avisar do rumo que se havia de guardar, para não dar sobre a torre, sita á passagem. Aconteceu aqui um caso mui arriscado, e foi que, estando já o barco entrando, e tão chegado á torre que parecia não distava já nada para dar-lhe com a prôa, vendo o pilotinho que o Ceciliano que estava ao leme se não dava de seus gritos, mas seguia com tudo o que dizia o pratico, veio com muita furia sobre elle com a faca em a mão para lhe dar com ella; mas o Ceciliano, homem valente e animoso, sem se lhe dar disso nem largar o leme, puxou tambem por sua faca e lh'a poz á boca, o que vendo eu, para impedir o perigo evidente de se perderem todos se a pendencia fosse por diante, peguei em o cabeção do pilotinho e o derrubei a meus pés, reprehendendo-o gravemente e ameaçando o mandar castigar se se não aquietasse logo, e não deixasse para terra o que sobre o mar nos era de tão grande prejuizo. Com isso entrámos segurissimamente para dentro, onde passámos aquella noite, mas feitas primeiro as pazes entre o pilotinho e o Ceciliano, porque chamando-os eu e com boas razões que lhes dei, os apasiguei, e fiz amigos, como dantes tinham sido. Em o dia seguinte, vespera do Espirito Santo, desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Collegio do Recife, onde por então o Padre Manoel Carneiro servia o officio de reitor e o Padre Antonio Maria, Italiano, era o afamado *factotum* daquelle Collegio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Collegio, e nos levou comsigo, contando-nos pelo caminho, que faziamos em canôa, as no-

vas dos bons successos das armas imperiaes contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Vienna.

Em o dia seguinte, disse missa em o altar-mór, ao som das charamellas de seus dextrissimos charameleiros, respeitando com isso o Padre reitor Pero Dias, o vice-superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre visitador, o qual chegou pouco depois. Fomos ambos beijar a mão ao governador, João de Souza, dando-lhe parte do levantamento do povo do Maranhão contra os padres daquella capitania, e pedindo-lhe mandasse logo barco capaz para virem commodamente os mais padres, que estavam esperando em o Ceará. Elle, mui pezaroso de nossa expulsão e desejoso de lhe dar remedio até com a ida de sua propria pessoa, se fosse necessario, despachou logo fosse o barco que lhe tinhamos pedido, e como quer que convinha de todo o mundo fosse alguem dar parte ao Padre Provincial á Bahia, Antonio de Oliveira, de tudo que se passava, para elle dispôr o que melhor julgasse para remedio, elegeu-me o Padre reitor de Olinda, Pero Dias, para esta funcção, dando-me por companheiro o Padre Pero Poderoso.

LIVRO VII—CAPITULO 5.º

Successo da viagem do Padre superior Iodoco Peres com os seus até o Ceará e do Ceará o fim que Deus foi servido lhes dar para maior seu merecimento.

Muito differente successo teve o barco pequeno do herege Henrique Breu, em que ia o Padre superior da missão Iodoco Peres, com os mais padres e irmãos que o acompanhavam, porque além de se deter mais pela viagem, fez muita agua, com que ficaram os pobres molestadissimos, e ao cabo, para mais ajuda da sua desgraça, quebrou-se-lhes o mastro, com que ficaram arriscados de se perderem. Comtudo, depois de quarenta e sete dias, chegaram finalmente ao Ceará, onde foram agazalhados

do capitão-mór Bento Soares, com toda a caridade, em as mesmas casas em que tinham sido agazalhados o Padre visitador Barnabé Soares com os seus; o Padre superior Iodoco Peres, desejosissimo de se ver cedo em Pernambuco, e de lá passar ao Reino, contra o parecer dos mais padres que estavam esperando barco, que o governador D. João de Souza havia mandar cedo com o soccorro das farinhas para a Fortaleza, e os havia de levar a elles todos, çonforme que se tinha ficado, elegeu cinco companheiros para continuar sua viagem em o barco pequeno do Inglez, estes cinco foram o Padre Aluisio Conrado Pheil, o irmão Manoel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Antonio Gomes, o irmão Manoel Antunes.

Ficaram quatro em o Ceará, os quaes se não quizeram tornar a embarcar outra vez em um barco que tanta molestia lhes dera, estando seguros de ser muito melhor a embarcação em que iriam commodamente depois, como foram sem perigo nenhum, e eram estes o Padre mestre Estevão Gandolfin, o Padre Gonçalo de Veras, o Padre Manoel Nunes, o irmão Antonio Ribeiro.

Tendo-se, pois, embarcado o Padre superior Iodoco Peres com os acima nomeados, e tendo já navegado com feliz viagem uma boa parte do primeiro dia, como viram vir de riba uma embarcação que cuidavam era do Reino, sem mais reparo se foram a ella para saber novas e achar algum refresco, podendo ter-se feito para terra, fóra de todo o perigo, se tivessem suspeitado que era embarcação inimiga.

Apenas tinham chegado com seu barco a tiro de espingarda, quando viram vir sobre si uma lancha cheia de homens armados, os quaes tendo-lhes dado uma salva de espingarda, saltaram em o barco, prenderam os padres desarmados todos e se apoderaram de seus dois tapanhunos, e de tudo o mais que levavam comsigo.

Logo, sem mais detença, fecharam-os, e em o dia

seguinte fizeram-lhes perguntas sobre o dinheiro que tra ziam ; e porque tinham apontado um dos tapanhuno para que lh'os descobrisse, e elle nos açoutes tinhan dito que os padres e não elle o tinham, chamaram-o logo um a um a tormentos, ficando livre o Padre Aluisi Conrado Pheil, que só levou uma coronhadura de un alfange, por não querer largar uma cruz de reliquias qu trazia.

Puzeram o dedo pollegar da mão esquerda d Padre superior Iodoco Peres debaixo do cão de um espingarda, e apertando o parafuso o esmagaram to do, soffrendo elle aquelle cruel tormento com summ egualdade de animo, lembrando-se dos muitos e gra vissimos soffrimentos que tinham padecido os marty res por Christo Senhor Nosso, que deu sua vida po nós.

O mesmo tormento deram ao noviço Agostinho d Cunha, e não contentes disso o atormentaram em as pa tes baixas, com incrivel dor, que lhe ficou por muito dias.

Este mesmo tormento deram aos irmãos Manoel d Costa, o estudante, ao irmão Antonio Gomes e irmã Manoel Antunes, noviços ambos, e não contentes dest inhumanidade, accrescentaram outro tormento sentidis simo e foi pôr-lhes morrão entre os dedos da mão es querda, e amarrando-os, queimou-lhes o fogo lento, con summo sentimento dos innocentesinhos.

Tudo isso lhes fizeram padecer, deixando-os depoi sem nenhum remedio, com que chegaram a tão lasti moso estado todos, que até aos mesmos piratas fizeran compaixão e os moveram a lhes pedir perdão, á vist de sua tão barbara crueldade, concedendo-lh'a os pa dres com grande coração, pelo amor de Deus Noss Senhor.

Eram esses piratas do numero daquelles que ti nham roubado a bella fragata do Padre Provincial d provincia do Brazil em que iam embarcados os nos sos.

Tres delles eram inglezes chamados... tres hollandezes, entre os quaes havia um catholico romano e outros tres eram allemães: estes contaram aos Padres Iodoco Peres e Aluisio Conrado Pheil, que lhes sabiam a lingua, que um padre da Companhia, homem já de idade (será o padre Domingos Fernandes?) tinha sido preso dos piratas francezes chegados aos portos do Brazil, o qual, levado a bordo do seu navio, tinha sido obrigado a comer sua propria orelha salgada e assada ao fogo, e depois morto com quantidade de feridas, porém apparecera em o dia seguinte á prôa, á vista de todos, revestido de roupa branca; e não ha duvida disso, porque o mesmo me contaram os padres da Bahia a mim, que lá cheguei pelo mesmo anno de 1684, em que acontecera este presente caso. Iam entretanto os pobres padres todos fechados debaixo da prôa em logar quente, humido e summamente fedorento, com que dentro de poucos dias ficaram quasi cegos, por causa de um humor maligno que lhes acudio aos olhos.

Tinham os piratas consultado entre si se matariam os padres, e pouco faltou que lhes tivessem tirado a vida, se não fora um allemão, o qual fallando a miudo com o Padre Aluizio, os tivesse divertido disso, e feito mudar de parecer, com que lhe disseram que o que tinham obrado tinha sido para remediar a sua necessidade, e dahi por diante não lhes fariam mais mal algum.

Ouvindo o Padre superior Iodoco Peres esta excusa dos piratas, disse-lhes que com tres ou quatro bois remediaria esta sua falta, se o puzessem em terra com os seus em a bahia de S. José do Maranhão; por isto ficaram, dando-lhe palavra de restituir tudo quanto lhe tinham levado; porém, como se não achou entre elles marinheiro que se offerecesse a leval-os para S. José, tendo primeiro consultado entre si o que fariam em tal occasião, botaram os padres pela primeira oitava do Espirito Santo em uma ilha deserta pouco distante do Pereá, sem lhes tornar a dar mais que uns poucos de livrinhos, uma canoinha velha de mil remendos que fazia agua como

um cesto roto, uma bacia velha de cobre e um pouco de farinha já meio podre, e tres marinheiros portuguezes que os padres tinham trazido comsigo do Maranhão.

Ditosos os padres que se deixaram estar em o Ceará porque com isso se livraram deste lastimoso vexame e foram-se depois brincando para Pernambuco.